

Anexo II

TRÊS HIPÓTESES SOBRE O INÍCIO DA INDUSTRIALIZAÇÃO BRASILEIRA E A ECONOMIA CAFEIEIRA

Luiz Carlos Bresser Pereira

Existe uma tese amplamente difundida entre os cientistas sociais brasileiros, segundo a qual o processo de industrialização, que ganhou impulso no Brasil durante os anos trinta, a partir de São Paulo, foi consequência direta da economia cafeeira. Em consequência desta crença, costuma-se afirmar que o grande desenvolvimento da produção de café, que dominou toda a economia brasileira, a partir de meados do século passado, até a grande depressão dos anos trinta deste século, tendo como centro dinâmico São Paulo, teria tido as seguintes consequências, com relação à subsequente industrialização:

a) a burguesia industrial teria origem na burguesia agrícola do café; b) o capital que serviu de base para a industrialização teria partido do café; c) o mercado interno inicial com que contou a indústria brasileira teria como base o trabalho assalariado introduzido em larga escala no país com a produção do café.

Dessas três hipóteses, apenas a última pode ser aceita sem maiores discussões. Não há dúvida de que o café teve um papel preponderante na formação de um mercado interno no Brasil entre 1850 e 1930. Além do aumento da renda global representado pelo café, foi através dessa cultura que o trabalho assalariado generalizou-se no Brasil, em substituição ao trabalho escravo. O salário era muitas vezes disfarçado pelo pagamento em espécie, através de diversos sistemas de participação do colono na produção, mas não perdia sua natureza essencial de salário. Grande parte do incipiente

mercado interno de que dispunha o Brasil em torno de 1930 derivava, direta ou indiretamente, do trabalho assalariado surgido com o café.

A primeira hipótese, que pretende estabelecer uma linha direta entre os grandes fazendeiros, que constituíam a base da oligarquia agrário-comercial que dominou o Brasil até 1930, e os empresários industriais que surgem principalmente a partir desta data, está destituída de fundamento. Na pesquisa que realizamos em 1961, sobre as origens étnicas e sociais dos empresários paulistas, vivos ou mortos (tratava-se, portanto, de uma pesquisa histórica) que haviam fundado ou desenvolvido decisivamente suas empresas (na época já com mais de 100 empregados), verificamos que apenas 15,7% dos empresários industriais tinham origem brasileira de mais de 3 gerações¹. Os restantes eram eles próprios imigrantes ou então filhos ou netos de imigrantes. Nesta mesma pesquisa, realizada segundo critérios estatísticos rigorosos, verificamos que apenas 3,9% dos empresários eram originários da classe alta-superior, identificada com as famílias de grandes fazendeiros e comerciantes ligados à produção para a exportação de café, açúcar, cacau, etc.². É evidente, portanto, que carece de um mínimo de fundamento a afirmação de que a burguesia industrial brasileira é uma mera continuação da antiga burguesia agrário-comercial. A velha oligarquia agrário-comercial não liderou o processo de industrialização. Há apenas uma relação étnico-social importante entre o café e a burguesia industrial surgida em São Paulo: a imigração que serviu de base a esta última teve como causa principal a necessidade de mão-de-obra para a produção de café. Ao nível da cúpula dirigente, porém, não houve transferência de empresários do sistema agro-exportador para o novo sistema industrial.

Já a segunda hipótese, segundo a qual o capital utilizado para dar início à industrialização teria origem na economia cafeeira, merece qualificação. Devemos distinguir dois tipos de capital: o capital social básico e o capital diretamente investido nas novas indústrias. Em relação ao primeiro tipo de capital, é indiscutível a contribuição do café. Foi em função dele que se montou toda a infra-estrutura de transportes, portuária, de energia elétrica, de serviços públicos e também a infra-estrutura bancária, que condicionaram e facilitaram a industrialização em São Paulo. Já em relação ao capital direto, não encontramos a mesma relação. A oligarquia agrário-comercial não foi ela própria nem a investidora nem a principal financiadora das novas indústrias.

Da pesquisa a que nos referimos, sobre as origens étnicas e sociais dos empresários paulistas, apresentamos agora alguns dados adicionais, que esclarecem o problema. Das 204 empresas que constituíram a amostra, definida em termos de um nível de segurança de 95% e de uma margem de erro de 5%, para resultados limites de p e q de 50%, tínhamos 73,5% das empresas fundadas depois de 1929. Dentro da amostra temos, portanto, um número de empresas ainda razoável, fundadas antes da crise do comércio

internacional, e portanto, antes que o próprio sistema cafeeiro entrasse em crise.

Com base nesse período, portanto, deveríamos encontrar um número de empresas considerável cujos fundos para o investimento inicial tiveram origem em financiamento, cuja origem seria eventualmente o café. Depois de 1930, com a crise, toda a economia cafeeira é duramente atingida. O capital fixo, investido nas fazendas, além de perder valor, torna-se de difícil liquidação. E o capital circulante investido na produção e comercialização do café é exaurido pelos prejuízos causados pela crise. Não se justificaria, portanto, imaginar que o capital circulante pudesse ser transferido para a industrialização.

Nossa pesquisa confirmou esta última observação. Procuramos, nela, determinar as origens dos fundos inicialmente investidos na empresa. Distinguimos dois tipos de origens: próprios do empresário ou de sua família de um lado, e de terceiros de outro. Conforme podemos observar pelo Quadro I, em 78,4% das empresas, os fundos investidos eram exclusivamente fundos próprios ou da família do empresário. Apenas 8,8% das empresas utilizaram basicamente fundos de capitalistas privados, ou seja, fundos de terceiros. Os restantes utilizaram uma combinação de fundos próprios e de capitalistas privados, fontes regulares de crédito privado (bancos, fundamentalmente) e fontes oficiais de crédito.

QUADRO I

ORIGENS DOS INVESTIMENTOS INICIAIS DAS EMPRESAS INDUSTRIAIS PAULISTAS

| Origem dos Investimentos | Nº | % |
|--|-----|-------|
| Fundos próprios ou da família do empresário | 160 | 78,4 |
| Fundos próprios e de capitalistas privados | 13 | 6,4 |
| Fundos próprios e de fontes regulares de crédito privado | 11 | 5,4 |
| Fundos próprios e de fontes oficiais de crédito | 2 | 1,0 |
| Fundos de capitalistas privados | 18 | 8,8 |
| Total | 204 | 100,0 |

A industrialização brasileira teve, portanto, início, basicamente com recursos do próprio empresário. Os recursos de terceiros foram claramente secundários. As indústrias brasileiras começaram muito pequenas. Muitas

eram inicialmente oficinas de fundo de quintal. Orientadas para a produção de bens leves de consumo, não contavam com grandes economias de escala. Este fato somado à proteção natural contra a concorrência estrangeira proporcionada inicialmente pela crise e depois pela Segunda Guerra Mundial, não tornaram necessários grandes investimentos iniciais para a instalação das novas indústrias. Estas surgiram, muitas vezes, de oficinas instaladas com muito pouco capital. Ou então surgiram de pequenos capitais possuídos por famílias de classe média ou por famílias de comerciantes de origem imigrante, que classificamos na classe alta inferior. Segundo nossa pesquisa, 21,6% dos empresários tiveram origem na classe alta inferior e 57,8% na classe média. Por outro lado, 23% provinham de famílias cuja situação econômica era "abastada", enquanto que 58,8% provinham de famílias cuja situação era "média". Essas famílias possuíam, portanto, os pequenos capitais básicos, necessários para o início das indústrias. Em seguida, estas se desenvolveram através do auto-financiamento, ou seja, da reinversão dos lucros obtidos.

Ora, se os empresários industriais brasileiros não têm relações étnico-sociais com a oligarquia agrário-comercial anterior, nem os fundos com que iniciaram suas empresas tiveram origem substancial fora de suas próprias famílias, torna-se óbvio que a hipótese de que o capital direto necessário para o início da industrialização de São Paulo teve origem nas poupanças da burguesia agrário-comercial deve ser rejeitada. Podemos admitir que a classe média e a classe alta inferior, constituída basicamente de imigrantes, e voltada para o mercado interno, conseguiu acumular uma certa quantidade de capital antes da industrialização graças ao desenvolvimento da economia cafeeira e ao mercado interno por ela proporcionado. Mas nesse momento estaríamos realmente dando nova forma à terceira hipótese, segundo a qual o café proporcionou o crescimento do mercado interno, e não reafirmando a hipótese que propomos ser rejeitada, segundo a qual o capital direto necessário para a instalação das primeiras indústrias no Brasil teve origem nas poupanças da burguesia agrário-comercial ligado ao comércio de exportação.

NOTAS

Este anexo constitui um esboço de um trabalho mais amplo que pretendemos realizar sobre o assunto. Decidimos publicá-lo neste livro devido à importante informação que contém sobre a origem dos capitais iniciais das empresas industriais paulistas. Estes dados foram obtidos na pesquisa sobre *Origens Étnicas e Sociais do Empresário Paulista* (Anexo I), e são agora pela primeira vez publicados.

- (1) L. C. Bresser Pereira, *Origens Étnicas e Sociais do Empresário Paulista*, em *Revista de Administração de Empresas*, vol. 3, nº 11, julho-setembro de 1963, p. 94.
- (2) *idem*, p. 101.